

# Greve geral contra a Junta Militar de Myanmar

O Movimento de Desobediência Civil convocou esta greve geral de um dia, três semanas após o golpe de Estado de 1º de fevereiro. As reportagens da mídia confirmam o sucesso: em todo o país, escritórios, empresas, mercados, lojas e restaurantes foram fechados. Os bairros foram barricados, as estradas foram cortadas.

A junta militar havia tentado impedir este sucesso aumentando a repressão. Houve mais de 400 prisões. Algumas vezes, foram usadas munições vivas. Em Naypyidaw, a capital administrativa, uma comerciante de 19 anos, Mya Thwet Thwet Khine, foi morta. Seu enterro foi seguido por uma longa comitiva. Um protesto em sua memória foi realizado em Rangoon (Yangon), a capital dos negócios e a maior cidade. Este assassinato radicalizou o protesto.

Outro grande protesto ocorreu no porto de Mandalay, onde forças de segurança mataram a tiros duas pessoas, enquanto tentavam forçar grevistas a se recusarem a carregar um navio para trabalhar.

Na segunda-feira, 22 de fevereiro, as forças armadas tomaram medidas preventivas, implantando tanques, erguendo barricadas e posicionando comboios militares para fechar o acesso aos centros urbanos. Isto não impediu os manifestantes que desmontaram as barricadas ou se reuniram na frente dos soldados.

Desde o início, a resistência a este golpe reuniu uma ampla gama de pessoas, com trabalhadores da saúde e a juventude educada da Geração Z na vanguarda. O movimento também reúne poderosas associações formais ou informais de trabalhadores do setor público, funcionários privados, empresários e

comerciantes. A oposição se espalhou para novos grupos e novas regiões nas últimas três semanas. Um sindicato liderado por mulheres em uma área industrial em Rangum está ajudando a amplificar os protestos no centro da cidade. Os grupos LGBT são muito ativos. Uma mobilização camponesa está tomando forma. (Alguns) policiais estão ao lado dos manifestantes. Monges budistas estão mostrando seu apoio (mas o establishment religioso não está). Os manifestantes escolheram a não-violência, combinando ações “fluidas” e reuniões estáticas massivas. Em geral, apesar dos incidentes isolados, parece não ter havido nenhuma repressão brutal até o momento.

A resistência adquiriu rapidamente uma estrutura de coordenação: o Movimento de Desobediência Civil. Isto visa assegurar a continuidade da luta ao longo do tempo e em solidariedade. A greve na Birmânia não está isenta de consequências. Mesmo os funcionários públicos (funcionários do setor público) se encontram sem renda; não existem sindicatos e fundos de greve capazes de apoiá-los. Se a luta fracassar, é o trabalho deles que está em jogo. Muitas iniciativas locais foram tomadas, muitas vezes por personalidades bem conhecidas, para ajudar as famílias dos grevistas, fornecendo alojamento, comida, etc. A existência do MDC facilitou esta ajuda mútua, mesmo que seja apenas uma resposta parcial e temporária.

A criação do MDC é uma das diferenças gritantes do movimento maciço anterior contra a ordem militar, iniciado em 8 de agosto de 1988 por estudantes, advogados, médicos e – também então – funcionários públicos. Esse movimento era contrário ao regime “socialista” e ditatorial do general Ne Win. Na Birmânia dos anos 80, a palavra “socialista” certamente não tinha o significado que lhe era geralmente atribuído. Naquela época, a junta definiu sua visão como “socialista e anticomunista”.

Ninguém em Mianmar pode esquecer o massacre de 3.000 ou mais em 1988. Mas a história não está condenada a se repetir. Os manifestantes insistem que este novo movimento “Quatro Dois”

(para 22.02.21) será muito maior que o antigo movimento "Quatro Oitos" (para 08.08.1988). O país não está mais isolado. Atualmente, os militares comandam dois poderosos conglomerados econômicos cujos lucros dependem do comércio regional (Singapura é a maior fonte de investimento estrangeiro). O treinamento dos oficiais superiores atuais, incluindo o General Min Aung Hlaing, é bem diferente do treinamento do corpo de oficiais sob Ne Win.

O golpe de 1 de fevereiro mostra que os militares não querem abrir mão de nenhum de seus poderes. Mas, diante do poder da mobilização popular, os militares podem tentar jogar pelo tempo em vez de desencadear um banho de sangue. De qualquer forma, não há volta a dar. A determinação do movimento reflete a sensação de que não há outro resultado aceitável além da vitória – e que a vitória é possível desta vez!